

CRÍTICA DA CRÍTICA DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE EM ROSA LUXEMBURGO

Marli Barros Dias¹

Resumo

A espontaneidade revolucionária e a consciência de classe são um ponto central da obra de Rosa Luxemburgo. A consciência de classe e a espontaneidade são processos simultâneos e dialéticos, reflexos das experiências dos trabalhadores adquiridas no quotidiano e ao longo da História. Para Rosa Luxemburgo, a espontaneidade necessita de liberdade de participação direta dos trabalhadores e, neste sentido, critica a direção centralizadora dos Partidos e Sindicatos, pois a centralização inibe a espontaneidade revolucionária e a consciência, as quais necessitam, primordialmente, de liberdades democráticas e da soma de ideais em torno de um objetivo comum da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Rosa Luxemburgo; Consciência de Classe; Espontaneidade.

CRÍTICA DE LA CRÍTICA DE LA CONCIENCIA DE CLASE EM ROSA LUXEMBURGO

Resumen

La espontaneidad revolucionaria y la conciencia de clase son un punto central en la obra de Rosa Luxemburgo. La conciencia de clase y la espontaneidad son procesos simultáneos y dialéticos, reflejos de las experiencias de los trabajadores adquiridas en el cotidiano y al largo de la Historia. Para Rosa Luxemburgo, la espontaneidad necesita de libertad de participación directa de los trabajadores y, así, critica la dirección centralizadora de los Partidos y Sindicatos, puesto que la centralización inhibe la espontaneidad revolucionaria y la conciencia, las cuales necesitan, primordialmente, de las libertades democráticas y de la suma de ideales alrededor de un objetivo común de la clase trabajadora.

Palabras-clave: Rosa Luxemburgo; Conciencia de Clase; Espontaneidad.

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade de Évora, Portugal. Professora do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa – CEFi. sofiahper@hotmail.com

1. A ação revolucionária espontânea

A espontaneidade revolucionária trespassa toda a obra de Rosa Luxemburgo e a consciência de classe é o elemento central de sua teoria. Esta consciência não é o resultado de simples saber teórico, como preconizava Lênin, mas o resultado da prática. A espontaneidade e a consciência são processos simultâneos e dialéticos. Estes não são meras abstrações, mas o reflexo das experiências que os assalariados adquirem em seu cotidiano e ao longo da História.

Rosa Luxemburgo demonstrou grande fé nos trabalhadores assalariados. Estes significaram a possibilidade de transformação, de passagem, do sistema capitalista para o sistema socialista. Esta passagem idealizada pela autora, se dá de forma democrática que se expressa na vontade da maioria (massa). Em nome dessa maioria, a autora criticou as direções dos Partidos e Sindicatos, que queriam representar a vontade das massas. Contudo, a sua tarefa era socializar o conhecimento.

A veia libertária da autora, não no sentido anarquista, mas dentro de uma visão de organização democrática, busca combater a direção exercida pelos Sindicatos sobre os trabalhadores e, ao mesmo tempo, defender a livre participação desses trabalhadores. Neste sentido, é indispensável aos assalariados, a participação direta nas lutas trabalhistas e políticas.

É importante salientar que, na luta contra o capitalismo, embora Rosa Luxemburgo não tenha feito nenhuma referência sobre a questão, há dois momentos que é importante analisarmos, ou seja, em um primeiro momento ocorre, não só a necessidade das experiências dos trabalhadores, mas principalmente, com base nessas experiências, analisarmos conjuntamente a situação da classe trabalhadora .

É através dos debates políticos que a mão-de-obra assalariada eleva a sua capacidade reflexiva e começa a ver mais claramente a sua realidade. Devemos ver a luta “corpo-a-corpo” como um processo posterior, como uma consequência desses debates, os quais propiciam o início da consciência de classe

que, por sua vez, permite a movimentação dos assalariados rumo a objetivos unificados.

Para Rosa Luxemburgo, uma verdadeira luta de classes se efetua não porque um chefe a criou, mas porque espontaneamente, os trabalhadores se levantaram contra a situação que os oprime. Esta posição expressa uma verdadeira consciência de classe marcada pela ausência de qualquer tipo de direção, porém a autora consente que, em uma sociedade capitalista, o assalariado encontra-se cativo de uma ditadura econômica e marcado por grandes dificuldades de aquisição dos meios de sobrevivência. No entanto, compartilhamos desta idéia tendo em vista que as ideologias dominantes aproveitam-se da fragilidade desses trabalhadores para se propagarem e inevitavelmente, são incorporadas e defendidas por aqueles que buscam se igualar a classe dominante. Consequentemente, negam a sua própria classe e a si mesmos como uma forma de vingança inconsciente contra a classe dominante.

Ao absorver o pensamento dominante, a classe assalariada acaba negando a sua própria classe e sustentando tudo aquilo que deveria ser negado. Daí decorre a necessidade não de dirigentes, mas de um líder nascido do povo para, primeiramente, resgatar a auto-estima desses assalariados, a partir de discussões abertas e de informações no tocante a categoria.

A doutrinação dos trabalhadores, em nenhum momento, deve ser cogitada. Contudo, há a necessidade de alguém que possa desencadear o processo revolucionário e permitir a partir desse momento, a movimentação dos trabalhadores rumo a destruição do seu quadro de miséria e opressão de forma espontânea. Como diz Daniel Guérin,

é que o excesso de miséria ou de opressão humilhante, não só econômica mas também política, fez com que cada uma de suas vítimas soltasse um grito tão alto que todas as vítimas se vêem gritando juntas (freqüentemente, aliás, um ou dois gritos superam os dos outros, mesmo no mais espontâneo dos movimentos – como dizia um operário 'Existe sempre alguém que exorta à espontaneidade') e a unanimidade desse grito lhes deu confiança a si mesmos; seu protesto é como uma bola de neve; o contágio revolucionário ganha o conjunto das classes. (GUÉRIN, 1982, p. 14).

Com efeito, para Rosa Luxemburgo, a ação consciente e espontânea indubitavelmente, é a capacidade de alterar determinada situação, pois os homens que agem são os mesmos que produzem as suas próprias existências e isto

pressupõe que se pode alterar. No desenvolvimento histórico, todos os homens como já dizia Marx, “que renovam a cada dia sua própria vida, passam a criar outros homens, a se reproduzir” (MARX; ENGELS, s. d., p. 24).

Em sua obra intitulada *Greve de Massas, Partido e Sindicatos*, Rosa Luxemburgo cai em contradição, isto é, ao mesmo tempo que defende o espontaneísmo e mostra o surgimento de greves sem qualquer direção, afirma que a social-democracia deve dirigir e, em alguns momentos, dirigiu os movimentos grevistas.

A autora afirma, também, que a social-democracia deve tomar a direção da greve e dirigir em alguns casos. Ao compor a parte mais esclarecida dos trabalhadores assalariados, a social-democracia dirigiu a Greve de São Petersburgo, em 1905, embora o movimento tenha se iniciado espontaneamente, “mas no modo como o movimento foi desencadeado, manifestaram-se os frutos da propaganda conduzida em vários anos pela social-democracia; no decorrer da greve geral os propagandistas da social-democracia permaneceram à cabeça do movimento, dirigindo-o e fizeram dele um trampolim para uma viva agitação revolucionária” (LUXEMBURGO, s. d, p. 24)

Evidencia-se, desta forma, mais uma contradição em que cai a autora, ou seja, Rosa Luxemburgo , ao mesmo tempo que mostra que a propaganda realizada pela social-democracia foi importante para a ação revolucionária dos trabalhadores assalariados de São Petersburgo, nega que a educação política se dá através de um trabalho de propaganda dizendo que “o proletariado tem necessidade de alto grau de educação política, de consciência de classe e organização. Não pode aprender todas estas coisas em brochuras ou em folhas volantes; tal educação ele adquirirá na escola política viva, na luta e pela luta, no decorrer da revolução em marcha” (LUXEMBURGO, s. d, p. 31).

Neste contexto, além de explicitar a sua contradição, Rosa Luxemburgo faz da categoria da práxis revolucionária a intervenção entre o ser social e o sujeito revolucionário e resgata o marxismo original. Tanto para a autora quanto para Marx, é através da práxis revolucionária que os homens alteram as condições exteriores e também o seu interior, a sua consciência.

2. Capacidade de alteração e modificação histórica

A possibilidade do indivíduo efetuar modificações externas e internas supõe, também, uma inversão histórica, isto é, a criação da História da maioria que surge a partir dela e por ela. A prática que permite dar uma nova direção na História, requer a maturidade política da classe trabalhadora.

Uma inversão histórica, isto é, a criação da História da maioria, só pode surgir a partir dela mesma e o desenrolar de uma ação espontânea e revolucionária, é importante ser vista como uma busca que supera não só o imediatismo economicista como, também, uma superação do pensamento burguês na medida em que ocorre uma sintonia entre os indivíduos de forma que as diferenças se perdem e são respeitadas em nome de um objetivo comum. E é por falta desta sintonia com os trabalhadores que os Partidos e Sindicatos erram e, conseqüentemente, tornam-se apáticos, autoritários e burocráticos. É por este motivo que Rosa Luxemburgo os critica, pois qualquer Partido ou Sindicato que adote a centralização como aquela que foi defendida por Lênin, a qual degenera a total participação dos assalariados, pois tem por objetivo controlar a atividade do Partido e jamais fertilizá-la. Do mesmo modo, inibe e sufoca o movimento e jamais o unifica.

Não cabe a um chefe partir do pressuposto de que seus liderados não conheçam nada, pelo contrário, eles podem não ter um conhecimento científico e mais elaborado, porém eles possuem a experiência quotidiana. Por este motivo, concordamos com a autora, quando ela afirma que não deve haver um chefe, porém retomamos a necessidade de haver um líder nascido do povo que compartilhe dos mesmos ideais da classe da qual faz parte.

Rosa Luxemburgo clamou pela necessidade da social-democracia acabar com a separação existente entre dirigentes e dirigidos, sendo indispensável, para a sua existência, elucidar os trabalhadores assalariados. A única tarefa dos dirigentes da social-democracia é, portanto, esclarecer as massas quanto ao seu papel na História. Indubitavelmente, a social-democracia foi centralizadora e burocrática e como disse Walter Benjamin, “o conformismo, que sempre esteve em

seu elemento na social-democracia, não condiciona apenas suas táticas políticas, mas também as suas idéias econômicas. É uma das causas do seu colapso posterior” (BENJAMIN, 1985, p. 227).

Ao objetivar que a social-democracia esteja mais próxima dos assalariados, Rosa Luxemburgo quer, na verdade, que ela seja a expressão das mesmas pois todo o aparato centralizador e burocrático de quaisquer Partidos e Sindicatos, não educam as massas, apenas as transformam em aglomerações guiadas e submissas. A massa que faz a revolução não é a massa guiada, mas aquela que é criativa, que se autodetermina e se auto-conduz diante da possibilidade de quebrar regras impostas pelo sistema opressor. Estas foram elaboradas pelos homens e, portanto, são passíveis de serem destruídas.

A criatividade espontânea possui uma força contagiosa que extrapola os limites próximos para se chegar mais longe. Ao contrário são os Sindicatos, os quais visam objetivos imediatos e isto os contrapõe à luta revolucionária que não se contenta com o primeiro objetivo alcançado. Na verdade, a luta sindical, como diz a autora, se reduz “a regularização da exploração capitalista de acordo com a situação momentânea do mercado: de conformidade com a natureza das coisas, é lhes completamente vedada a ação sobre o processo de produção” (LUXEMBURGO, 1970, p. 25)

A sublevação consciente e espontânea é muito mais do que uma luta, cujo propósito é alcançar um objetivo simples e imediato, ela é a revolução que trás no bojo as transformações das relações políticas e econômicas da sociedade. Neste caso, implica na capitulação da sociedade burguesa, a qual se distingue das sociedades antiga e medieval que, segundo Rosa Luxemburgo, havia uma dominação baseada em direitos adquiridos enquanto que, na sociedade burguesa, esta dominação se dá em “verdadeiras relações econômicas, no fato de não ser o salariedade uma relação jurídica, e sim uma relação econômica. Em todo o sistema jurídico não se encontrará uma só fórmula da dominação da classe atual. Se ainda restam vestígios de tais fórmulas, são precisamente sobrevivências da sociedade feudal, tal como o regulamento relativo aos criados” (LUXEMBURGO, 1970, p. 64).

Na visão da autora, “não é o assalariado, obrigado por lei alguma, submeter-se ao jogo do Capital e sim pela miséria, pela falta de meios de produção. Mas, nos quadros da sociedade burguesa, não haverá no mundo lei que

lhe possa proporcionar esses meios de produção, porque não foi a lei, e sim o desenvolvimento econômico que lhos arrancou” (LUXEMBURGO, 1970, p. 65).

3. Progresso capitalista e ação revolucionária da burguesia

O progresso da economia capitalista permitiu que cada vez mais a burguesia revolucionasse os mecanismos do Estado transformando-os em instrumentos de dominação do assalariado. No entanto, frequentemente, estes mecanismos são mascarados para sustentar a tirania da sociedade capitalista e não para proteger as diferenças.

A título de exemplificação de dominação, cabe repetir Rosa Luxemburgo em uma denotação típica e específica que concerne a exploração do Brasil.

Diz a autora:

Em 1871, sob a influência das intensas lutas contra o governo, se proclama a emancipação dos escravo, mas indenizando-se seus donos por meio de um quota paga pelos fundos estatais. Não obstante, o parlamento, que era um instrumento nas mãos dos donos dos cafezais, não aprova este acordo e se prolonga o exercício da escravidão. Em 1886, proclama-se a libertação dos escravos com mais de sessenta anos, mas o restante devia aguardar ainda dezessete anos para obter libertação. Todavia, em 1888, o partido dinástico que luta para permanecer no trono, consegue a duras penas que o parlamento aprove a abolição universal da escravidão sem pagamento de indenização, o que decide a sorte do movimento republicano. Os donos das plantações precipitam-se tumultuadamente, sob as bandeiras republicanas, e numa rebelião militar, em 1889, proclama-se a república no Brasil (LUXEMBURGO, 1970, p.70-71).

Apesar de toda a perversidade intrínseca ao sistema capitalista, cujo objetivo é promover a acumulação do capital, a burguesia como diz Marx, “não forjou apenas as armas que levarão à morte; produziu também os homens que usarão essas armas: os trabalhadores modernos, os proletários” (MARX, ENGELS, 1988: 14).

É no período de “ditadura econômica” que, para Rosa Luxemburgo, surge a possibilidade de sublevação das massas frente a necessidade de melhor

condição de vida. Promovem a desestruturação dos pilares do capitalismo e consequentemente, cai a muralha que separam as classes sociais. Isto é,

qualquer ação do proletariado em poucas horas pode arrancar da indiferença as camadas populares até então na sombra, o que se manifesta naturalmente numa batalha econômica tumultuosa. Os operários eletrizados bruscamente pela ação política reagem de imediato no campo que lhes está mais próximo: insurgem-se contra a sua condição de escravidão econômica. O gesto de revoltas que é a luta política, faz-lhes sentir com intensidade inesperada o peso das suas cadeias econômicas (LUXEMBURGO, s. d.p. 47).

Existe a necessidade de uma sublevação espontânea capaz de aplacar o quadro caótico da centralização do capital que, por sua vez, se estendeu a todos os campos da vida social. No tocante a este assunto, Rosa Luxemburgo não partiu de pressupostos inacabados e/ou ilusórios, mas concentrou-se em um campo em que o progresso iniludível da burguesia contou com uma forte “centralização estatal” para, posteriormente, ostentar e contrastar com a exploração e miséria do proletariado.

A autora vê, na centralização capitalista, o caminho a ser seguido pelo socialismo, não a partir da exploração e do quadro de miserabilidade, porém uma centralização que desfça esse deprimente estado da maioria da população. Para tanto, cabe repetir:

Esta tendência centralista do desenvolvimento do capitalismo representa uma das bases principais do futuro regime socialista, pois somente a máxima concentração da produção e da troca permite estabelecer uma economia socialista planejada em escala mundial. Por outra parte, só mediante a concentração e centralização, tanto da classe operária como força de combate como também do poder estatal, torna-se possível que o proletariado tome finalmente este poder em suas mãos para estabelecer sua ditadura e levar a cabo a revolução socialista (LUXEMBURGO, 1988, p. 84).

Somente através da união e sublevação das diversas camadas populares pode-se efetuar e efetivar a revolução socialista, a qual é para Rosa Luxemburgo, a “grande tarefa da humanidade” (LUXEMBURGO, 1991, p. 101). Aí reside também a tarefa da social-democracia, que é um Partido proletário e em nome desse proletariado, tem que se transformar em seu porta-voz e emitir palavras-de-ordem que possibilitem a luta e a tomada de consciência.

A necessidade da consciência de classe se faz necessária, como forma de evitar o caos social. Ao pensar no colapso capitalista, Rosa Luxemburgo demonstra uma preocupação com o futuro da sociedade, visto que, “o colapso do capitalismo significaria a ausência total de cultura e civilização, a ‘ruína universal’. É para evitar este estado de coisas que o proletariado consciente deve lutar para instaurar o socialismo” (LOUREIRO, 1995, p. 34).

Desse modo, a contradição entre a economia política de Rosa Luxemburgo, a qual assevera o colapso do capitalismo sob o ponto de vista econômico e a sua negativa diante de qualquer forma de economicismo ou fatalismo, explicitada pela sua teoria política e sua prática, se resume em mera aparência. O marxismo adotado pela autora se afasta da concepção determinista da economia, porque vê o fim do capitalismo como algo inevitável, ao contrário do socialismo, cuja realização depende da luta política realizada pelo proletariado. A consciência de classe espontânea, tão aclamada por Rosa Luxemburgo, não rejeita indubitavelmente a dialética da consciência de classe e a espontaneidade, as quais implicam em um processo de práticas democráticas e da soma de ideais em busca de um objetivo único. Não é vedada a participação na luta socialista nem daqueles que não são classificados como assalariados. Um exemplo disso é a participação dos intelectuais, os quais participam porque conseguiram superar o seu instinto de classe.

Neste contexto, está intrínseco o direito subjetivo de cada indivíduo, até mesmo o direito de “furar” uma greve. As diferenças são respeitadas e os acontecimentos são processos dinâmicos que permitem a sublevação espontânea das massas. Esta sublevação não pressupõe a anarquia, como pensava Rosa Luxemburgo, mas a organização, o equilíbrio e liberdade democráticas, condições indispensáveis para se chegar ao socialismo.

4. Socialismo e democracia

Rosa Luxemburgo deixou nas entrelinhas de seus escritos, que o socialismo e ditadura do proletariado não são sinônimos de autoritarismos, mas da voz da maioria que clama por um objetivo comum que transcende os limites de

uma economia planificada e recai sob o apelo de um mundo mais humano, mais justo e mais igual.

Na igualdade, onde se encontram também as diferenças, aprende-se a dividir para em seguida se somar. Esta soma não é análoga à soma capitalista, é bem diferente, é a soma de forças em prol do bem-estar comum, é o socialismo.

Nos dias de hoje, o pensamento de Rosa Luxemburgo é, ainda, extremamente revolucionário. No entanto, difícil de ser colocado em prática por ser um pensamento que em nenhum momento subjuga a massa do povo e desrespeita as diferenças, o que é difícil no mundo moderno, onde os vários segmentos da sociedade, de certa forma, adotaram o modelo burguês, ou seja, um modelo padronizado, onde as próprias pessoas parecem ter sido fabricadas em série e as diferenças são simplesmente rejeitadas e consideradas inoportunas.

Quando a autora aborda a questão da consciência de classe espontânea indubitavelmente inclui o direito de ser diferente. Porém, respeitar as diferenças exige que cada homem tenha alcançado enquanto ser humano, um nível mais elevado, o que é difícil no sistema capitalista e necessário para a implantação do socialismo.

Sentimos que os próprios movimentos de cunho social são frágeis na medida em que não valorizam as experiências da classe assalariada e, ao mesmo tempo, tomam decisões a respeito da participação dessa classe oprimida, de forma arbitrária, pois desconhecem a realidade das mesmas mas, mesmo assim, insistem em falar em seu nome, sem mesmo nunca tê-la ouvido.

Somente os oprimidos podem decidir sobre o seu “destino”, jamais uma elite dirigente e, neste ponto, Rosa Luxemburgo tinha razão. Constantemente, nos deparamos com “líderes” que dizem defender os menos privilegiados, porém estes se colocam em posição superior diante dos oprimidos, os quais muitas vezes nem são ouvidos, ou seja, estes trabalhadores, na maioria das vezes, só são convidados para o combate, o que implica na restauração do blanquismo. A presunção e o delírio de alguns “líderes” acabam subjugando a capacidade revolucionária das massas, consequentemente, a subestima.

Hoje, fala-se muito em educação, melhores condições de vida e melhor distribuição de renda nos países periféricos, porém muitos daqueles que fazem o

discurso, estão distante da realidade que o povo realmente vive. Os donos dos discursos estão presos a concepções ultrapassadas e até superadas, mas ainda não perceberam, porque não conhecem a verdadeira realidade. Entendem a pobreza somente no aspecto da falta de alimento, mas a questão vai mais além, isto é, há a pobreza de valores, falta de referenciais que norteiam uma vida pautada pela ética, justiça econômica e social, essenciais para uma sociedade menos violenta e, portanto, mais saudável.

Grandes campanhas também são realizadas para “conscientizar” esse povo e mostrar que é possível uma vida diferente, mais saudável, porém tais campanhas não são suficientes para atingir pessoas que concebem o mundo de forma diferente, ou seja, a partir da sua realidade, do seu dia-a-dia, onde ser o “mais forte” é que é importante. Isto muitas vezes e para muitas pessoas, ser o “mais forte” é praticar a violência. Isto é, se não tem o poder econômico o imita de outra maneira, impondo o medo, o horror e a barbárie e assim, os “guetos” constroem os seus próprios valores.

A violência faz parte da realidade de muitos que ficaram à margem da sociedade, em consequência do próprio sistema capitalista. Este aniquilou muita gente e por incrível que possa parecer, muitos que “defendem” o fim do capitalismo, agem de forma autoritária e prepotente tal como o próprio sistema e, assim, nada alteram, mantêm a situação vigente e insistem em dizer que são de “esquerda”. Estes ainda não perceberam que o autoritarismo faz parte da cartilha capitalista e não condiz com a defesa e tomada de consciência de trabalhadores oprimidos.

Os próprios Partidos, cujos programas se confundem, constantemente empreendem campanhas de propaganda, porém inúteis na medida em que não falam a linguagem do povo embora queiram ser a sua própria imagem, mas, infelizmente, não possuem nem mesmo têm uma linguagem própria. Tanto a esquerda quanto a direita, não possuem uma posição definida, elas se igualam quanto ao seu programa e discursos políticos e confundem o povo.

Para Rosa Luxemburgo, o conhecimento deveria ser socializado e os Sindicatos e Partidos políticos seriam instrumentos para isso. Mas, nos tempos atuais, isto não ocorre. Os Sindicatos são fracos e repetitivos e a partir do momento em que se tornam repetitivos, é porque não são capazes de inovar. Os Sindicatos e

os Partidos políticos de muitas nações subdesenvolvidas, são obsoletos e não são nem um pouco criativos.

Não cabe instituir, hoje, um lema de campanha ou uma doutrina, mas procurar chegar até ao povo, por meio da informação, a qual se constituirá na socialização do conhecimento e culminará na consciência de classe. Para isso, torna-se dispensável o autoritarismo, a ditadura, prática adotada por “líderes” fracos e incapazes de implementarem programas políticos onde a população possa participar livremente e contribuir de forma decisiva para uma maior consciência e maior aprendizado político.

Rosa Luxemburgo analisou e criticou a centralização do poder como algo negativo, pois o centralismo e a burocratização contrastam de forma negativa com a vontade dos assalariados, uma vez que estes não necessitam de direção, mas de um espaço democrático que permita a sua movimentação de modo criativo, a sua educação e amadurecimento políticos.

Embora, em um primeiro momento, a questão da consciência e espontaneidade pareçam de fácil compreensão, na verdade, refletem uma grande complexidade, principalmente nos tempos atuais. Hoje, o mundo parece menor. O aparato científico e tecnológico parece ter diminuído a distância, porém a economia globalizada fez crescer as diferenças e criou diferentes trabalhadores pobres. Hoje, a massa trabalhadora se divide em trabalhadores do primeiro mundo e trabalhadores do terceiro mundo. Portanto, como é possível uma sintonia entre os indivíduos que, embora pertençam à mesma classe, se encontram divididos?

Talvez esse seja o reflexo do mais completo avanço capitalista, onde a identidade do homem desaparece sem ele perceber e não se reconhece no seu igual, pois diante de um poder econômico que sempre esteve e está em constante desenvolvimento e que dissemina a ilusão e o sentido do melhor e do pior resta àqueles inconscientes acreditarem e se orgulharem das diferenças e fortalecerem os preconceitos sem a percepção imediata de que maioria dos homens compõem um cenário do qual são meros figurantes e não atores sociais, problemáticas às quais a análise marxista não conseguiu chegar na plenitude crítica.

BIBLIOGRAFIA

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital**. 2.^a ed. Rio de Janeiro; Zahar.1991.

_____. **A Revolução Russa**. Introdução, tradução e notas de rodapé: Isabel Maria Loureiro. Petrópolis/RJ: Vozes. 1976.

_____. **Reforma, Revisionismo e Oportunismo**. Tradução de Livio Xavier. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert, S. A.1970.

_____. **A Questão Nacional e Autonomia**. Tradução de Antonio Roberto Bertelli. Belo Horizonte/MG: Oficina de Livros, Ltd^a.1988.

_____. **Greve de Massas, Partido e Sindicatos**. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltd^a.(s. d.)

LOUREIRO, Isabel. Maria. **Os Dilemas da Ação Revolucionária**. São Paulo; Ed. UNESP. 1995.

_____. **Rosa Luxemburgo: a volta ao marxismo revolucionário**. *In* textos/SEAF (Publicação da Sociedade de Atividades Filosóficas Regional Paraná).Ano 3, n.º 4. 1983.

GUÉRIN, Daniel. **Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária**. São Paulo; Perspectiva, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Victor Hugo Klagsbrunn. São Paulo/Rio de Janeiro: Editoras Fundação Perseu Abramo/Contraponto. 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos**. v. I. Lisboa: Seara Nova. 1976.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Tomo II. São Paulo: Brasiliense. 1985.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: do romantismo até nossos dias**, Dario Antiseri; São Paulo: Paulus – (Col. "Filosofia") 1991.